

THE NAMES E MAO II: CAPITAL, IMAGEM E TERROR NA FICÇÃO PÓS-MODERNA

Giséle Manganelli Fernandes
UNESP/SJRP¹

*O que é um livro? O que é a natureza de um
livro? Por que deve ter a forma que tem?
Como a mão interage com os olhos
quando alguém lê um livro?*
Don DeLillo

Os romances *The Names* (1982)² e *Mao II* (1991)³, do autor norte-americano Don DeLillo, apresentam discussões sobre o mundo contemporâneo. DeLillo é um autor sintonizado com o seu tempo, mostrando, nestes textos, a relação do homem com uma sociedade marcada pelo capital, pela força da imagem e também pelo terror. A América de DeLillo não é precisamente a do “Sonho Americano”, na medida em que o autor focaliza a realidade pós-moderna repleta de incertezas.

Assim sendo, os questionamentos de DeLillo não são válidos apenas para os americanos, mas também para os brasileiros, pois os temas trazidos à baila dizem respeito a assuntos que nos afetam no mundo globalizado.

Partamos do poder do capital, que impera e determina as relações entre os países mais ricos e os mais pobres. Don DeLillo aborda essa ordem mundial na obra *The Names*, já com tradução em Língua Portuguesa (*Os nomes*, 1989⁴). James Axton, a personagem principal do romance, é um analista de risco americano que trabalha em Atenas para uma empresa, a

¹ A autora agradece à FAPESP pela Bolsa de Pesquisa no Exterior (pós-doutoramento/ 2000-2001) na Universidade da Flórida, e ao 1999/USIA Summer Institute on Contemporary American Literature, na Universidade de Louisville, KY, Estados Unidos.

² DELILLO, Don. *The Names*. New York: Vintage, 1982.

³ DELILLO, Don. *Mao II*. New York: Penguin, 1991.

⁴ DELILLO, Don. *Os nomes*. Trad. Tati Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. As citações são retiradas desta edição.

Northeast Group, vendedora de seguros de risco político para companhias americanas que fazem negócios no exterior, afinal,

Houvera mais de cinco mil incidentes terroristas na última década.
Seqüestros eram rotineiros.
Pedidos de resgate de cinco milhões de dólares eram usuais.
Nesta década, um quarto de bilhão de dólares em dinheiro de resgate
fora pago a terroristas.
Os principais alvos eram os executivos.
Os americanos vinham em primeiro lugar, sendo visados com especial
frequência no Oriente Médio e na América Latina. (1989, p.52-53).

Posteriormente, Axton descobre que sua empresa, na verdade, coleta informações para a CIA. Conspirações e segredos são elementos muito presentes na ficção de DeLillo.

Num mundo marcado pela vitória do capitalismo sobre o comunismo, os Estados Unidos tornaram-se a única superpotência e, ao verem-se como símbolos da democracia e liberdade, defendem seu modelo como possível de ser executado em vários outros locais. Podemos ilustrar a postura crítica de DeLillo no tocante à hegemonia americana com um diálogo entre o grego Andreas Eliades e James Axton, em que Andreas reclama da política externa dos Estados Unidos:

— Todos nós tomamos dinheiro uns dos outros. Este é o papel do atual governo. Tomar o dinheiro dos americanos, fazer o que os americanos nos mandam fazer. É impressionante como eles se submetem, como deixam que os interesses estratégicos dos americanos tenham precedência sobre a vida dos gregos.

— É o seu governo, não o nosso.

— Não estou tão seguro. Claro que temos experiência em tais questões. Humilhação é o tema dos negócios gregos. A interferência estrangeira é aceita como natural. Presume-se que não poderíamos sobreviver sem ela.

...

— Por muito tempo nossa política foi determinada pelos interesses das grandes potências. Agora são só os americanos que a determinam. (1989, p.235-236)

Verificamos, por esta passagem, que Axton tenta fazer Andreas pensar em uma outra perspectiva em que os americanos não seriam os únicos culpados pela situação dos países com

dívidas, mas que os governos destes também teriam sua parcela de responsabilidade. Contudo, Andreas mantém-se firme em sua posição.

Sabemos que os capitalismos existentes nos diversos países são diferentes (GRAY 1998⁴) e que não é simples a aplicação de um único modelo para todos. Nesta era do “capitalismo multinacional” (JAMESON 1993⁵), as grandes corporações detêm o poder. Entretanto, as recentes denúncias de fraudes contábeis de importantes empresas americanas levam as pessoas a desconfiar da lógica do capitalismo. O mundo pós-moderno é marcado pela instabilidade.

Tendo em vista a diversidade que caracteriza o momento atual, torna-se importante que os povos busquem entender os outros, isto é, que compreendam melhor as diferenças sociais e culturais das nações em sentido mais amplo. DeLillo, consciente desse fato, apresenta uma crítica aos seus compatriotas em um outro diálogo entre Axton e Eliades, quando este afirma que os americanos apenas se interessam por outros países quando há uma guerra que envolva os Estados Unidos diretamente. Senão vejamos:

— É muito interessante — dizia-me Eliades — como os americanos aprendem geografia e história universal enquanto seus interesses são prejudicados num país após outro. Isso é interessante.

Devia eu sair em defesa de meu país?

...

— Creio que só nas crises os americanos vêem outras pessoas. É claro que tem de ser uma crise americana. Se dois países em guerra não fornecem aos americanos algum produto precioso, não há necessidade de se educar o público a respeito deles. Mas quando o ditador cai, quando o petróleo é ameaçado, então vocês ligam a televisão, que lhes informa onde fica o país, qual é sua língua, como pronunciar o nome de seus líderes, qual a importância de sua religião, e talvez vocês até recortem dos jornais receitas de pratos persas. É o que lhes digo. O mundo inteiro está interessado nessa curiosa maneira de os americanos educarem a si mesmos. TV. Vejam, este é o Irã, este é o Iraque.

⁴ GRAY, John. *False Dawn: The Delusions of Global Capitalism*. New York: The New Press, 1998.

⁵ JAMESON, Fredric. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. A. (Org.) *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 27.

Pronunciemos corretamente a palavra. I-rã, i-ranianos. Este é sunita, este é xiita. Muito bem. No próximo ano, trataremos das Filipinas. OK? (1989, p.64,65)

Este trecho confirma uma imagem da população americana, que é tida como desinformada em relação a outros povos. Claro que não podemos atribuir esse tipo de ignorância apenas aos americanos, pois após o ato de terror de ocorrido em 11 de setembro de 2001, verificamos uma revolta contra árabes de um modo geral, em diversos países, em que pessoas foram insultadas indiscriminadamente. Houve a necessidade de várias explicações sobre as diferenças entre árabes, muçulmanos etc., a fim de que se pudesse verificar que a discriminação contra esses grupos não fazia sentido. Dessa forma, o mundo pós-moderno traz uma pluralidade de vozes que precisam ser compreendidas, a fim de que não haja intolerância e que não se cometam erros irreparáveis.

Neste ponto, podemos trazer para o debate o terrorismo, que é um outro assunto mostrado por DeLillo em *Os nomes*. Axton, na verdade, aceitara esse emprego para ficar próximo de sua esposa canadense Kathryn, que o abandonara para seguir arqueologia, e de seu filho Tap. Kathryn trabalha para Owen Brademas, que descobre uma seita que mata pessoas de acordo com as iniciais de seus nomes em determinados locais com as mesmas iniciais, ou seja, mataram Michaelis Kalliambetsos num lugar chamado Mikro Kamini.

Especificamente no tocante ao terrorismo contra cidadãos americanos em outras partes do globo, podemos citar aqui a passagem em que, ao mudar de assunto numa conversa, Kathryn escolhe o terrorismo para um diálogo com Axton:

Na Europa, eles atacam suas próprias instituições, polícia, jornalistas, industriais, juízes, acadêmicos, legisladores. No Oriente Médio, atacam americanos. O que isso significa? Ela queria saber se o analista de risco tinha uma opinião. (1989, p.118)

Axton responde: “— A América é o mito vivo do mundo. Ninguém acha que praticou uma má ação quando mata um americano ou acha que errou ao culpar a América por algum desastre local” (1989, p.119). Axton reconhece a presença militar americana em vários desses países como outro fator para os americanos serem visados e acrescenta que:

—Essas sociedades do Oriente Médio estão passando por um momento especial. Não há nenhuma dúvida ou ambigüidade. Elas se consomem numa clara visão. Deve haver ocasiões em que uma sociedade considera que a mais pura virtude é matar. (1989, p.118-119)

Verificamos, nessa passagem, a forma de DeLillo abordar o terrorismo como parte constitutiva do mundo pós-moderno. Com os atentados de 11 de setembro, os americanos passaram a temer ataques contra eles em seu próprio país e não somente em território estrangeiro. Os terroristas desejam chamar atenção para suas causas e a ação do terror é um apelo para a mídia, que dá ênfase à cobertura de catástrofes.

O interesse da mídia por esse tipo de assunto aparece no romance *Mao II*, também com tradução para o Português (*Mao II*, 1997⁶). A personagem principal do romance, o escritor recluso Bill Gray acredita que os “fabricantes de armas e de bombas” assumiram um lugar que era dos escritores, o de alterar “a vida interna da cultura” e que o público precisa de um noticiário repleto de desastres (1997, p.51). Portanto, a mídia dá destaque ao terrorismo e os terroristas sabem utilizar-se desse fenômeno. Pudemos observar isso por meio da repercussão dos vídeos de Osama bin Laden mostrados pela TV. O impacto das imagens foi tanto que o governo americano solicitou às redes de TV não dessem tanto espaço para os vídeos de Osama bin Laden, pois o terrorista estava com uma enorme visibilidade.

⁶ DELILLO, Don. *Mao II*. Trad. Edson Rocha Braga. Rocco: Rio de Janeiro, 1997. As citações são retiradas desta edição.

Bill Gray é colocado em uma missão que vai envolvê-lo com o terrorismo. Charlie Everson, o editor de Gray deseja que o escritor participe de um evento em Londres do “comitê de alto nível sobre a livre expressão” (1997, p.110), presidido por Everson. Nesse evento, o comitê deverá falar sobre um poeta sírio que foi seqüestrado e está mantido como refém em Beirute. Na ocasião, Everson deverá anunciar, “que o refém estará sendo libertado naquele momento com transmissão ao vivo pela televisão em Beirute” (1997, p.110). Everson convida Gray para ler versos do poeta sírio e apresenta o seguinte argumento para Gray:

— Posso arranjar o escritor que quiser. Mas quero Bill Gray. ... Seu nome provoca excitação, e isso nos ajudará a transformar esse episódio num acontecimento, a forçar as pessoas a falar e a pensar sobre isso por muito tempo depois que sairmos do ar. Quero um escritor desaparecido para ler o trabalho de outro. Quero um romancista famoso para falar do sofrimento do poeta desconhecido. Quero o escritor de língua inglesa para ler em francês, e o escritor mais velho para falar dentro da noite ao seu jovem colega de letras. Não vê como tudo é lindamente equilibrado? (1997, p.111)

Entretanto, o evento não ocorre devido à ação de terroristas e Everson apresenta Gray a George Haddad, a quem Everson chamou de “porta-voz junto ao grupo de Beirute” (1997, p.141). Haddad diz a Gray para ir a Atenas (a cidade de Atenas surge novamente aqui), onde poderiam conversar sobre o seqüestro. Em Atenas, Haddad diz a Gray que ele pode ter a função de intermediador para a libertação do refém, devendo, para tanto, ir a Beirute falar com Abu Rashid. Porém, segundo Haddad, Rashid vai querer que Gray “tome o lugar do outro homem” (1997, p.179). Na viagem para Beirute, Gray morre. A própria reclusão de Gray já poderia ser considerada um processo de morte do romancista. Essa não completude da viagem de Gray pode ser vista também como uma derrota do romancista contra o terrorista. Estariam os terroristas, então, ocupando o espaço dos romancistas? Gray, em um diálogo com Haddad, afirma:

— O que os terroristas ganham os romancistas perdem. O grau da influência que eles conseguem exercer sobre a consciência das massas é

proporcional ao nosso declínio como formadores de sensibilidade e opinião. O perigo que eles representam é igual ao nosso próprio fracasso em sermos perigosos. (1997, p.171-172).

Notamos, assim, que DeLillo revela uma preocupação com o papel do romancista no trabalho de conscientizar as pessoas sobre o mundo em que vivemos e fazê-las enxergar os problemas e debater respostas para eles, antes que grupos radicais do terror tomem corpo e apresentem-se como uma possível solução para as questões que nos cercam.

Vemos que o editor de Gray tinha interesse na participação do escritor no evento devido ao furor que a presença de Gray causaria. Estamos na “sociedade do espetáculo”, segundo Guy Debord (1995)⁷. E, em *Mao II*, DeLillo trabalha o poder da imagem em figuras como a do próprio Mao, ligando-a ao artista Andy Warhol. Destacaremos duas passagens do romance em que esse fato pode ser observado. No seguinte trecho, a personagem Scott Martineau traz para casa um presente para Karen:

Era uma reprodução de um desenho a lápis chamado Mao II. ... A face de Mao Tsé-Tung. ... Era estranho como uns poucos traços a lápis podiam reproduzir alguém, mas ali estava ele, apenas alguns sombreados, o pescoço e as sombrancelhas esboçadas. Era de um famoso pintor cujo nome ela nunca conseguia lembrar, mas era famoso, havia morrido, tinha a cara como uma máscara branca e cabelos brancos brilhantes. Ou talvez apenas achassem que ele estivesse morto. Scott disse que ele não parecia estar morto porque nunca pareceria real. Andy. Era isso. (1997, p.72)

Em outro momento, a fotógrafa Brita vai a uma galeria e o narrador faz as seguintes observações:

⁷ DEBORD, Guy. *The Society of the Spectacle*. Transl. Donald Nicholson-Smith. New York: Zone Books, 1995.

E o eco de Marilyn e todo o encanto da morte que existia no trabalho de Andy. Brita o fotografara anos atrás, e agora uma de suas fotos estava pendurada numa exposição a poucos quarteirões da Madison Avenue. A imagem de Andy em tela, alvenaria, veludo, papel e acetato. Andy em pintura metálica, em tinta de serigrafia, lápis, polímero, folha de ouro, Andy em madeira, metal, vinil, algodão e poliéster, bronze pintado, Andy em cartões-postais, em sacolas de papelão, em foto-mosaicos, em exposições múltiplas, transferências de corantes, fotos de polaróide. A cicatriz de bala de Andy, a fábrica de Andy, Andy posando como turista em Beijing⁸ diante do retrato gigante de Mao na praça principal. (1997, p.148)

Nessa passagem, vemos que o próprio Andy Warhol tornou-se um produto a ser consumido. O capital também conseguiu transformar as pessoas em produtos de consumo pelas imagens em diversos tipos de meios. Ora, a fim de atender o mercado consumidor, tornou-se possível comprar quantos “Maos” e quantos “Andys” uma pessoa quisesse. Todas essas imagens de Mao e Andy, em reproduções de várias formas, revelam também a fragmentação do sujeito que ocorre no mundo pós-moderno. Os sujeitos não são mais unos, e sim, múltiplos.

O funeral do Aiatolá Khomeini é visto por Karen e Brita na televisão. As imagens evidenciam a adoração que as pessoas tinham pelo aiatolá:

Havia bandeiras de luto pelas ruas. Enormes fotos de Khomeini penduradas nas paredes dos edifícios, e muitas pessoas na multidão batendo na própria cabeça e no próprio peito. ...

Os vivos tocavam o corpo, apertavam a carne do imame para mantê-lo quente. ...

Mas aquilo era agora a história de um corpo. Estava começando a ser a história de um corpo que os vivos não queriam entregar à terra. ... Havia pessoas atirando-se na cova. ... Queriam ocupar a cova para que o imame permanecesse fora dela. (1997, p.203, 205, 206)

Mao e Khomeini tiveram um grande poder e influenciaram seus povos levando-os à idolatria por meio do culto às suas imagens. Assim, a mídia está intimamente ligada ao poder.

⁸ No texto traduzido está Beirute, porém, a cidade no texto original é Beijing.

A ficção de DeLillo traz uma diversidade formal: itálico, frases curtas, espaços em branco, parágrafos de tamanhos diversificados, palavras aparecem sozinhas, colaborando para salientar a fragmentação do mundo atual, em que as coisas acontecem rapidamente. A literatura acompanha esse ritmo nas palavras, nas sentenças trabalhadas pelo autor. DeLillo utiliza-se de Bill para comentar sobre o texto literário, quando o escritor recluso declara que:

— Cada frase tem uma verdade esperando no fim, e o escritor aprende a identificá-la quando finalmente a encontra. Por um lado essa verdade é o ritmo da frase, a batida e a pausa, mas lá no fundo é a integridade do escritor ao manejar o idioma. Sempre me vejo nas frases. Começo a reconhecer a mim próprio, palavra por palavra, quando estou fabricando uma frase. A linguagem de meus livros me tem modelado como homem. Há uma força moral numa frase quando ela vem perfeita. Ela fala do desejo de viver do escritor. Quanto mais me envolvo no processo de conseguir uma frase perfeita no ritmo e nas sílabas, mais aprendo sobre mim mesmo. (1997, p.57-58).

Podemos, dessa forma, afirmar que embora ocorram inovações tecnológicas e o mundo passe por grandes e constantes modificações em seus valores, o texto literário continuará a mostrar sua força conscientizadora sobre a humanidade. Se para Brian McHale (1992), “a ficção de orientação ontológica (pós-modernismo, ficção científica) está preocupada com questões tais como: o que é um mundo? Como um mundo é constituído?”⁹, cabe-nos concluir que a ficção de DeLillo, ao abordar os temas acima e seus desdobramentos por meio de uma linguagem transgressora, faz o leitor ter uma posição ativa diante de sua realidade.

⁹ MCHALE, Brian. *Constructing Postmodernism*. London and New York: Routledge, 1992. p. 247. Tradução da autora deste trabalho.